



Dinheiro: Ganância ou Prosperidade?

2015

Dinheiro: Ganância ou Prosperidade?

POR

Wanderlei Passarella

2015

Dinheiro: Ganância ou Prosperidade?

Breve Histórico do Dinheiro

Através da rica História da evolução humana deparamo-nos, em determinado instante, com o aparecimento de um mecanismo de intermediação de trocas para facilitar a vida dos que desejavam intercambiar seus produtos. Em algum momento na história do homem agrícola, assentado na terra para dela extrair seus frutos, alguns perceberam que poderiam trocar seus excedentes pelo que outros também tinham produzido a mais. Mas, qual deveria ser a relação de troca? Provavelmente, nos primórdios das trocas, não havia uma relação determinada, mas apenas o escambo unitário: uma unidade de um bem, por outra unidade de outro bem, mesmo que essa unidade fosse “uma determinada porção”. É claro que havia dificuldades neste tipo de escambo, pois trocar um peixe por “uma determinada porção” de algo não traz em si nenhuma medida de valor.

O sistema de escambo evoluiu, ao longo do tempo, para o estabelecimento de certas mercadorias como referência, ou padrão. Animais tais como o gado ou víveres, pela facilidade de locomoção e plena aceitação, devem ter sido utilizados como os primeiros referenciais de valor. Mas logo apareceram dificuldades para esse padrão, conforme o comércio e as trocas começaram a se desenvolver. Em primeiro lugar, a relativa escassez dessas referências; também a sua própria utilização como produtos de consumo (com possibilidade de perecerem) e, por último, a já explicitada falta de possibilidade de desmembrar a referência, para alcançar valores fracionários.

Assim, logo o sal foi utilizado como nova referência. Era também facilmente transportável, tinha aceitação como algo de valor e podia ser fracionado quanto se quisesse. As porções de sal poderiam ser maiores ou menores para referenciar com maior exatidão o que se supunha como valor do bem sendo trocado. Hoje já não é muito comum encontrar quem conheça o significado etimológico da palavra salário, mas ela vem de sal, atestando que este bem era aceito como moeda de troca, inclusive pelo trabalho realizado periodicamente (era a forma de pagamento dos soldados, na Roma

antiga, e seu sinônimo era “soldo”). Assim como a palavra pecúnia deriva de “pecus” (gado) ou capital de “capta” (cabeça). Por estas derivações nas palavras verifica-se um pouco da história do dinheiro.

Mas, ainda na antiguidade, quando os homens começaram a dominar a técnica de fabricação dos metais, perceberam logo sua vantagem como referência de valor para as trocas, como a possibilidade de entesouramento, divisibilidade, raridade, facilidade de transporte e beleza, e, então, elegeram o metal como principal padrão de valor. Era trocado sob as formas mais diversas. A princípio, em seu estado natural, depois sob a forma de barras e, ainda, sob a forma de objetos, como anéis, braceletes etc.

Percebeu-se, em seguida, que a cunhagem de metais em forma arredondada e com a identificação de quem a cunhava era uma forma mais segura e prática de estabelecer um padrão de referência. Essa medida agilizou as transações, dispensando a pesagem e permitindo a imediata identificação da quantidade de metal oferecida para troca. Surgiram, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características das atuais: eram pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e que garantia o seu valor.

Um pouco mais pra frente, na Idade Média, surgiu o costume de se guardarem os valores com um ourives, pessoa que negociava objetos de ouro e prata. Este, como garantia, entregava um recibo. Com o tempo, esses recibos passaram a ser utilizados para efetuar pagamentos, circulando de mão em mão e dando origem à moeda de papel, ou moeda escritural. Esses ourives foram os precursores dos bancos. A mesma lógica da origem e credibilidade do emissor em relação à moeda passou a valer também para o papel-moeda. Mas, este só tinha valor se houvesse lastro de moeda metálica correspondente, ou de bens físicos valiosos (como o próprio ouro) para garantir que esse papel pudesse ser resgatado quando seu portador bem o entendesse. Com o tempo, da mesma forma ocorrida com as moedas, os governos passaram a conduzir a emissão de cédulas, controlando as falsificações, garantindo o poder de pagamento e reservando o lastro em ouro para garantir a conversibilidade e a possibilidade de

resgate imediato dos papéis pelo seu equivalente em ouro. Atualmente quase todos os países possuem seus bancos centrais, encarregados das emissões de cédulas e moedas. E o lastro em ouro, característico da garantia de valor do papel-moeda, foi abandonado no século XX. Assim, delineamos uma breve história que, ao longo de milênios, fez surgir o dinheiro da forma que hoje o conhecemos.

A Queda do Lastro em Ouro

De 1815 até 1914, o ouro era utilizado como lastro por quase todos os países para permitir a circulação e a troca de bens através da utilização de moedas nacionais. Esse padrão internacional permitia uma fácil intercambiabilidade entre as moedas de diferentes países, em um câmbio fixo, já que por trás delas estava certo peso de ouro correspondente. Além disso, para emitir moeda era preciso que o Banco Central tivesse aumentada suas reservas em ouro em quantidade proporcional. Mas, com o desenvolvimento econômico e crescimento das economias dos diversos países, surgiu um problema para a continuidade desse lastro: como continuar reservando fisicamente cada vez mais metal na medida em que cresciam as transações econômicas e como lidar com períodos de abundância e de escassez na extração e beneficiamento desse nobre metal?

Foi a Primeira Guerra Mundial que, colocando pressão sobre as diferentes nações para custearem seus esforços de guerra, estimulou que diversos países abandonassem a promessa de restituir sua moeda local pelo ouro equivalente. É claro que essa atitude se mostrou altamente inflacionária, pois o papel moeda rapidamente perdeu seu poder de compra, dado que mais moeda circulava pelas economias locais. Começou um caos econômico para as nações europeias, principalmente devido à desestruturação da guerra e pela perda do padrão de referência. Os Estados Unidos ainda mantiveram seu lastro em ouro até 1934.

Em meados de 1944, em uma famosa Conferência de autoridades monetárias em Bretton Woods, uma nova ordem monetária internacional foi concebida e implantada pelos Estados Unidos e ratificada pelo congresso americano em julho de 1945. Embora o sistema de Bretton Woods tenha funcionado muito melhor do que o desastre da década de 1930, ele

foi apenas uma tentativa de buscar um padrão misto entre ouro e câmbio e ele se manteve apenas por algum tempo. Nesse sistema o dólar, avaliado a 1/35 de uma onça de ouro, havia se tornado a única moeda-chave e, então, ele não mais podia ser restituído em ouro pelos cidadãos americanos; em vez disso, o dólar era restituível em ouro somente para governos estrangeiros e seus bancos centrais. Nenhum indivíduo americano podia trocar dólares pela moeda mundial, o ouro. Apenas os governos tinham esse privilégio. O dólar começou a se tornar a referência mundial!

No dia 15 de agosto de 1971, ao mesmo tempo em que impunha um congelamento de preços e salários em uma vã tentativa de controlar a explosiva inflação de preços, o presidente Nixon impôs um estrondoso fim ao sistema de Bretton Woods. Como os bancos centrais europeus estavam ameaçando restituir em ouro o máximo possível de seus inchados estoques de dólares, Nixon acabou completamente com o que restava do padrão-ouro. Pela primeira vez na história americana, o dólar era totalmente fiduciário, sem qualquer lastro em ouro. Mundialmente, as moedas tornaram-se papéis, sem lastro em absolutamente nada, apenas na confiança que os Bancos Centrais pudessem honrar com as demandas monetárias de seus cidadãos. O câmbio entre nações tornou-se livremente negociado país a país. Estes mesmos Bancos Centrais agora emitem seu papel moeda lastreados na Teoria Quantitativa da Moeda, que preconiza que o estoque de papel em uma economia multiplicado pela velocidade de circulação desses meios de pagamento deve se igualar ao nível de preços geral multiplicado pelo número médio de transações por período (ou $MV=PT$). Caso escapem a esse controle, o risco é a inflação de preços local.

Talvez o fato mais exuberante, após todo esse movimento mundial de desligamento das referências metálicas ao papel moeda, seja a característica que a moeda tomou de se tornar primeiramente um plástico (cartões de crédito) e, mais recentemente, um bit numa transação eletrônica por “home banking”. É difícil de imaginar um controle para tudo isso e, até que ponto as reservas monetárias individuais, caracterizadas por um estoque virtual na conta bancária e nas aplicações financeiras de cada cidadão, sejam “sólidas” o suficiente para resistir à manipulação política de governantes e de empresários irresponsáveis do setor financeiro. Vivemos um tempo em que “tudo o que é sólido se desmancha no ar”.

Funções do Dinheiro

Saindo do campo da Economia e entrando nas questões humanas, qual é o papel que o dinheiro exerce na vida do homem contemporâneo? Esse breve histórico da evolução do sistema monetário serviu para nos posicionar de como funcionam, grosso modo, as economias dos países e as trocas mundiais. Mas, o que de fato nos interessa é o papel sociológico e antropológico que o dinheiro assume em nossas vidas.

Entre esses diversos papéis, podemos destacar quatro: meio de troca, unidade de conta, reserva de valor e veículo de acumulação. Esses papéis são antropológicos porque dizem respeito ao modo como o homem vê a si mesmo (o seu sentido de vida e de sobrevivência) bem como são sociológicos, porque se respaldam na forma como se estabelecem relações na sociedade, sejam elas de trabalho, de posse de meios de produção ou de comércio entre membros de determinadas classes sociais.

O dinheiro como meio de trocas é um papel antigo, como procuramos demonstrar pelo resumo histórico acima, e o que de fato deu origem à sua evolução até chegarmos como ele é hoje. O dinheiro trás parâmetros de comparação (sejam eles bons ou ruins, sic). Numa sociedade complexa, em que existem diversos agentes econômicos revestidos cada um de uma função, seja em produção de bens agrícolas ou industriais, comércio ou serviços, a existência de um meio de trocas é primordial para organizar, facilitar e criar referências ao processo. Isso possibilitou a florescência de uma ampla variedade de profissões, em que cada pessoa procurava seu sustento contribuindo com o outro da forma que pode ou sabe contribuir. O desenvolvimento profissional passou a ser uma meta importante. Profissões mais raras ou mais demandadas tiveram um valor de troca ampliado, suscitando o interesse daqueles que viam possibilidade de se dedicarem a elas, conforme já abordado no capítulo anterior sobre trabalho.

Não há dúvida de que existem distorções relevantes na moeda como meio de troca. Nem sempre a base da troca é a mesma em diferentes culturas e nem sempre apresenta objetividade nas suas ponderações numéricas. O juízo de valor está implícito na valoração das trocas. Assim é que parte da sociedade brasileira considera justo que um famoso jogador de futebol possa ter de receita

mensal, entre remuneração de seu clube e de contratos promocionais, algo em torno de três a quatro milhões de reais. Enquanto isso, um professor do ensino fundamental pode receber mensalmente algo ao redor de mil reais, e grande parte da sociedade considera justa a ponderação da troca. Podem até mesmo argumentar que doze mil reais por ano é muito mais do que boa parte da população consegue receber em outras funções menos relevantes e assim tornando a atividade de professor, relativamente a essa parcela de cidadãos, rentável e honrada! No livro "Justiça", Michael Sandel explora diversas situações parecidas com esta citada em que se revela a questão de valores relativos de uma sociedade.

Mas, por trás dessa valoração relativa entre o jogador de futebol de habilidades requintadas e um simples professor de escola pública, estão ideologias, questões culturais e valores éticos de uma determinada sociedade. Se no Brasil o futebol não fosse tão idolatrado, a ponto de muitos deixarem de comprar o necessário a suas famílias para poderem frequentar os campos de futebol, não haveria essa distorção extrema que acabamos de comentar. É o que mostra pesquisa feita em 40 países pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) divulgada, em Genebra (segundo Jornal do Commercio de 07/07/2010), na Suíça. A situação dos brasileiros só não é pior do que a dos professores do Peru e da Indonésia. Um brasileiro em início de carreira, segundo a pesquisa, recebe em média menos de US\$ 5 mil por ano para dar aulas. Isso porque o valor foi calculado incluindo os professores da rede privada de ensino, que ganham bem mais do que os professores das escolas públicas. Na Alemanha, um professor com a mesma experiência de um brasileiro, ganha, em média, US\$ 30 mil por ano, mais de seis vezes a renda no Brasil. No topo da carreira e após mais de 15 anos de ensino, um professor brasileiro pode chegar a ganhar US\$ 10 mil por ano. Em Portugal, o salário anual chega a US\$ 50 mil, equivalente aos salários pagos aos suíços. Na Coreia, os professores primários ganham seis vezes o que ganha um brasileiro. Portanto o valor comparativo de bens e de profissões está amplamente ancorado em escolhas e no grau de consciência dos cidadãos. Esse talvez seja o bem mais valioso que alguém possa almejar. Mas voltaremos a ele mais adiante.

A segunda função da moeda é unidade de conta.

Assim como a unidade de medida (quilo, por exemplo), adotada de maneira comum, permite que as transações se processem de forma mais simplificada na sociedade, a moeda permite que se realize uma “unificação na linguagem” e, por fim, o estabelecimento do preço, que é a representação da quantidade de moeda necessária para a aquisição daquele bem ou serviço. Além desse aspecto de trazer uma medida comum para todas as “coisas comercializáveis” (o preço), a moeda, como unidade de conta, permite que possamos fazer cálculos, apurar resultados de um empreendimento, estabelecer padrões de desempenho e outras comparações contábeis e econômicas.

Essa segunda função é mesmo muito prática e importante para o desenvolvimento de civilizações mais complexas como a que vivemos atualmente. Talvez não seja a única forma de trazer mensuração e medidas objetivas para o comércio, para a controladoria empresarial e para as contas nacionais. Mas, certamente, é a forma que é amplamente adotada. Porém o viés, nesse caso, é precificar o que não tem preço. E muito do que vivenciamos de mais concreto para uma vida feliz não pode ser mensurado pela moeda. Não tem preço o amor, a saúde, o carinho de um filho, a alegria de nosso animal de estimação ao nos receber em casa. Infelizmente, a sociedade ao adotar a moeda como unidade de conta, trouxe para muitos desavisados a impressão de que tudo pode ser quantificado pelo dinheiro. Grave erro! Vamos discorrer neste capítulo, mais a frente, sobre o que é riqueza, mas podemos antecipar que verdadeiramente ricas são as pessoas que possuem maior abundância de bens que o dinheiro não pode comprar. Nesse ponto, vale a frase de Antoine de Saint-Exupéry: “Se a vida não tem preço, nós comportamo-nos sempre como se alguma coisa ultrapassasse, em valor, a vida humana... Mas o quê?”.

A terceira função da moeda é a reserva de valor.

Neste ponto vamos nos basear num dos Economistas mais reverenciados em todos os tempos: John Maynard Keynes. Em seu livro “A Teoria Geral do Emprego, dos Juros e da Moeda”, ele relaciona diversos usos da moeda como reserva de valor, ou seja, como um mecanismo de permitir que a troca por bens ou serviços seja feita ao longo do tempo. Veja alguns dos aspectos resumidos:

- ▶ Amortecedor para imprevistos: em muitos momentos da vida podemos precisar, de forma urgente, de maior volume de recursos para fazer frente a demandas pontuais, mas de impacto de valor, tais como uma cirurgia, um sinistro, uma necessidade de viagem, de se ausentar do trabalho por um tempo, etc.
- ▶ Diferenciar períodos de maior e menor intensidade de trabalho: algumas pessoas optam por se dedicar ao trabalho de forma mais intensa por certos períodos da vida. Assim, o dinheiro realiza a ponte entre essas fases de maior ou menor dedicação, para permitir a manutenção do padrão de vida e de despesas.
- ▶ Adiar consumo em prol de poupança: sem dúvida, talvez esta seja a parte mais nobre da função reserva de valor do dinheiro. A poupança permite preparar um pecúnio (aumentado pelos juros) para o posterior investimento no aumento das possibilidades de alcançar uma vida digna materialmente, com recursos para morar bem, cuidar do corpo e da saúde (alimentação de qualidade, bons médicos, exames de rotina e atividade física de bom nível) e permitir tempo para a dedicação ao que engrandece o espírito. Essa visão é muito bem explorada no livro de Eduardo Gianetti: “O Valor do amanhã – Ensaio sobre a natureza dos juros”.
- ▶ Preparar-se para grandes projetos: A reserva monetária também tem a função de estabelecer um montante adequado e suficiente para a aquisição de um bem de grande valor, ou um grande projeto. Nesse caso, há a alternativa de um financiamento bancário, onde se aumenta o custo do investimento, dado que há juros a pagar. Ao contrário, ao se reservar certa quantia em dinheiro tem-se a opção de quitação imediata do valor do bem ou do projeto.
- ▶ Outros: há ainda o benefício psicológico da reserva monetária, como se sentir seguro ou mesmo mais autoconfiante, dado que a reserva está ali para fazer frente a ameaças e oportunidades diversas.

Mas, se existem todos esses benefícios para a moeda como reserva de valor, há também o lado perverso nisso, como também colocamos nas outras funções relatadas. A distorção é encarar a reserva com avareza. O avarento é aquele que acumula obsessivamente o dinheiro, e não demonstra a menor caridade ou generosidade. A questão de juntar dinheiro se torna, para ele, um

hábito que comanda quase todas as decisões de sua vida. Tudo em sua vida gira em torno dessa questão de reservar mais e mais, não se importando com as consequências que podem acontecer para outros em função dessa obsessão. Os adjetivos mesquinho e sovina também cabem muito bem ao avarento.

A pior consequência na vida para o avarento é a pobreza. Pode parecer um absurdo que alguém que supostamente tem reserva em dinheiro seja considerado pobre, mas esse é o paradoxo! E essa pobreza é tanto literal como figurada. Literal, porque é comum vermos um avarento mal vestido, descuidado e sem capacidade de desfrutar da vida. E é simples entender isso: o avarento não gasta para se vestir, “uma roupa antiga já está boa...”; ele não gasta para pagar um médico ou para se alimentar melhor, “está sempre bem de saúde e qualquer comida serve...”; ele não gasta para ter certas comodidades, “afinal, isso é desperdiçar o recurso mais valioso que é o dinheiro...”. Assim se passa a vida dessa pessoa que adoeceu por conta da reserva. E também há um sentido figurado na pobreza do avarento, porque rico não é o que tem apenas recursos materiais, mas principalmente quem tem a abundância de recursos não materiais (bens que o dinheiro não compra) e virtudes suficientes para enxergar a beleza da vida e da oportunidade de contribuir com seu trabalho para o engrandecimento do todo. Rico é aquele que é capaz de deixar o mundo um pouquinho melhor do que o lugar que ele encontrou no início de sua vida!

Finalmente, a quarta função da moeda é a acumulação. Alguns poderão, com razão, argumentar que a reserva e a acumulação são funções idênticas. Mas, é importante separar essa quarta função (não sendo comum encontra-la em outros textos sobre as funções da moeda), porque é aí que mora, provavelmente, a maior distorção do sistema capitalista. A acumulação é fruto de um vício maior do que a avareza: a ganância! Vejamos o que diz a Wikipédia sobre ela: *“ganância é um sentimento humano que se caracteriza pela vontade de possuir para si próprio tudo o que admira. É a vontade exagerada de possuir qualquer coisa. É um desejo excessivo direcionado principalmente à riqueza material e, nos dias de hoje, pelo dinheiro. Contudo é associada também a outras formas de poder, tal qual influenciar as pessoas de tal maneira que seus praticantes chegam ao cúmulo de corromper terceiros e se deixarem corromper, manipular e enganar,*

chegando ainda ao extremo de tirar a vida de seus desafortunados. Muitas vezes confundida com ambição”. Ela é um dos sete pecados capitais. E decorre de um apego exagerado, de uma predisposição a querer tudo para si. Pela definição pode-se perceber que a ganância é muito pior do que a avareza. O avarento, no mais das vezes, causa um mal maior a si. O ganancioso não só causa um mal a si, mas também um grande mal à sociedade e à humanidade.

A acumulação, como base de um sistema capitalista selvagem, prega que é preciso juntar e concentrar dinheiro, poder, bens e direitos, de uma forma crescente e ininterrupta. Ela enubla os incautos e faz deles seus reféns. Acumular, para essas pessoas gananciosas, torna-se o objetivo da vida, um fim em si mesmo, desprovido de qualquer limite ou ponderação dos meios pelos quais se pretende atingir o objetivo da acumulação. Além disso, ela é a antítese da distribuição, da igualdade de todos os homens perante as oportunidades, da fraternidade através da qual todos ganham e pela qual a vida dos homens se engrandece. Ela é a grande distorção através da qual se perdeu o real significado do dinheiro.

A Grande Distorção

Em paralelo ao surgimento do dinheiro e das funções que ele assumiu, a história nos mostra que o desenvolvimento econômico das nações fez surgir o capitalismo como forma primordial de processo produtivo e de organização da atividade mercantil. Desde a antiguidade até meados do segundo milênio, as formas de produção e comercialização de bens se mantiveram restritas ao pequeno produtor, ao artesão ou ao Senhor Feudal, dentro de condições tecnológicas relativamente simples, que podiam ser passadas através das gerações e com um mínimo de especialistas envolvidos.

Mas, à medida que as trocas e os sistemas de produção se sofisticaram, o capitalismo lentamente se desenvolveu. Nesse sistema a posse dos meios de produção pertence ao dono do capital e a economia é regulada pelas forças de mercado, em primeira instância. Karl Marx, em “O Capital” criticou de forma contundente o capitalismo, no fim do século XIX, mostrando todas as suas contradições e distorções, principalmente no quesito igualdade. Baseados em suas ideias, Lenin

e Stalin deflagraram uma revolução socialista, primeiramente na Rússia e, posteriormente, nos países do leste europeu que vieram a compor a União Soviética. Eles buscavam corrigir a questão da desigualdade, mas, através da violência contra opositores, instalaram um sistema que solapou a liberdade.

No livro “O Despertar dos Líderes Integrais”, no segundo capítulo há uma interessante comparação entre capitalismo e socialismo: *“Assim, no campo político, econômico e social, com o advento da revolução Industrial, o Capitalismo e o Liberalismo realizaram muitos feitos, mas ampliaram as desigualdades, escravizaram o homem, fizeram dele peça de uma engrenagem (como no filme de Charles Chaplin – “Mundo Moderno”), o separaram do produto de seu trabalho (fragmentação do trabalho) e dos meios de produção. E espalharam pelo mundo um consumismo, individualismo e egoísmo desenfreados. Logo surgiu um contraponto, uma alternativa a esse sistema, que foi o Socialismo/Comunismo; no entre guerras, apoiado pelas ideias de Marx e Engels, surgiu o Socialismo na Rússia e depois na Europa Oriental. Com ele nasceu a ditadura do proletariado e a nivelação por baixo. As liberdades foram suprimidas pela força e não havia estímulo à efetividade”*.

A verdade, porém, é que nem o capitalismo e nem o socialismo alavancaram o ideal da fraternidade humana. Um focou na liberdade individual e piorou a igualdade. Outro focou na igualdade, mas suprimiu a liberdade. E ambos falharam fortemente na humanização, no desenvolvimento do potencial do homem para a cooperação e a construção conjunta de uma sociedade que permita o desabrochar de nosso sentido de conjunto.

O neoliberalismo (nos últimos 20 anos, após a queda do Muro de Berlim) veio a mitigar um pouco as distorções do velho e desgastado capitalismo, conforme já explicitado no capítulo anterior. Mas continuou a exacerbar a questão do lucro e da acumulação como ideais per se. O capitalismo e o liberalismo, que são os sistemas econômicos que dominam hoje o mundo ocidental, junto com o foco e as distorções que a humanidade deu ao dinheiro, criaram as condições para o que vemos hoje: a acumulação como um ideal per se, sem o necessário equilíbrio dinâmico apregoado na Revolução Francesa: “liberté, égalité, fraternité”. Essa conjunção (capitalismo, liberalismo e

distorção das funções do dinheiro) deu todo o peso apenas ao lucro monetário e à sua acumulação crescente, como um fim em si mesmo.

A acumulação como um fim é a maior das distorções que experimentamos hoje. Por ela, os homens estão destruindo recursos não renováveis, destruindo seu próprio habitat, desvirtuando a função do trabalho, deixando de levar em conta a oportunidade de melhorar as condições de vida para o todo. E afinal, a que leva a acumulação? Por que tantos homens se fixam a ela como o grande objetivo de suas vidas? Em parte por medo de não ter o bastante para fazer frente a necessidades futuras, em parte pela ganância, sobre a qual já discorreremos, em parte pela fixação ao poder e à bajulação que este trás para quem o detém, e em parte pelo ego, pela necessidade de alguns homens se verem “endeusificados”, acima dos outros, entronizados como “entidades supra terrenas”...

Mas, a verdade é que a acumulação individual traz demasiados problemas e distorções e não traz o que alguns pensam buscar: a prosperidade. A acumulação não resolve as questões mais profundas da vida dos homens, principalmente aquela de viver uma vida produtiva, explorando seu próprio potencial e vocação. Excesso de poder e excesso de dinheiro podem trazer distorções para a vida individual e para o todo: escravizar ao redor de suas demandas de crescimento e manutenção. Talvez seja preciso uma grande evolução cultural, de valores e de consciência, enfim uma quebra de paradigma, para que comecemos a encarar as reais funções do dinheiro e a reservar a ele o papel que ele de fato pode exercer: um meio para a prosperidade individual, coletiva e da natureza.

Dinheiro e Prosperidade

Se por um lado o dinheiro pode se transformar num fetiche, numa “pseudovisão” do céu traduzida pela acumulação desenfreada, e por isso a razão dele ser demonizado por algumas pessoas, por outro lado ele pode assumir um papel importante para o desenvolvimento individual e coletivo. Basta dar a ele o valor que ele merece. Nem mais e nem menos. Aqui voltamos à velha questão das virtudes cardeais, elaboradas por Platão e pelos antigos filósofos gregos, em que a temperança (ou o equilíbrio comedido) assume um papel central como uma das principais virtudes humanas. Porque se é possível se tornar escravo do dinheiro (quando

a ele dedicamos o objetivo central de nossas vidas, em forma de uma acumulação individual sem limites), por outro lado é possível se tornar escravo de outros homens ou das circunstâncias (quando não damos um valor mínimo às funções não distorcidas do dinheiro que elaboramos acima). Ao reservar à moeda o seu valor correto, entendida aqui a palavra valor como princípio ou caráter, então a tornamos um meio de prosperidade, que atinge quem a utiliza e também ao meio em redor de si.

Para melhor compreendermos qual deve ser esse valor a ser dado ao dinheiro para que ele assuma esse papel virtuoso, vamos começar por desconstruir algumas ideias em relação ao dinheiro, ao trabalho e ao ganho e substituir alguns conceitos por outros que consideramos mais alinhados para explorar o potencial de uma vida e torna-la o mais produtiva possível, em direção à vocação e propósito de cada um. Creio que um aforismo que adotamos na UNIPAZ possa traduzir um pouco do que vamos explorar daqui em diante: “O importante não é levar a vida a sério demais, mas ter um sério projeto de vida”. E nesse caso, de um sério projeto de vida, procurar executá-lo levando em consideração uma “expectativa tranquila”, termo este que utilizamos para designar quem vive com baixa ansiedade, buscando o melhor resultado para sua vida sem se prender ao ato em si.

Em primeiro lugar, é urgente a substituição dessa viciosa visão de acumulação pela visão de criação de uma reserva estratégica de fato. Nesse pequeno detalhe residem consequências relevantes, que podem alavancar o sentido do trabalho e da vida. Se se procura montar uma reserva é para fazer frente aos imprevistos, para diferenciar períodos de intensidades distintas de dedicação ao trabalho, para adiar o consumo e poupar para realizar projetos importantes, como já foi colocado. Mas tudo isso traz um limite à necessidade de poupar. O viés do acúmulo é que ele não tem fim. Vira um objetivo incontrolável e um fim em si mesmo. Não existe a possibilidade de se viver sem risco pelo tamanho da reserva. Viver é se arriscar e há apenas um momento na vida em que já não há mais risco; na morte física.

Assim, ao compreender a necessidade de reserva e não de acúmulo há, para cada pessoa, um limite bem claro do tamanho da reserva. Isso depende das necessidades e das possibilidades de cada um. Para algumas pessoas, que exercem atividades mais simples e tem remuneração menor, pode haver a necessidade de um tempo de trabalho

maior para atingir certa reserva; por outro lado, o padrão de vida com que está acostumado talvez seja também mais simples e uma reserva proporcional ao seu padrão pode ser alcançada com certa determinação. Não tem mais reserva quem ganha mais, mas quem gasta proporcionalmente menos. A sabedoria está em se conhecer, e estabelecer até que ponto seguir poupando. Para os que conseguem chegar nesse ponto e se satisfazer com o que conseguiu, há um mar de possibilidades novas a sua frente. Principalmente a possibilidade de se dedicar ao seu próprio desenvolvimento pessoal com mais afinco, sem se deixar escravizar pelo trabalho ou pelo dinheiro.

Em segundo lugar, creio que se faz necessária uma redefinição do que é se aposentar. Segundo o dicionário Aurélio online, “*aposentadoria é um direito de hospedagem; a situação de um trabalhador que tem isenção definitiva da efetividade do serviço, por incapacidade física ou por ter atingido determinada idade legal, e que recebe determinada pensão ou remuneração; é a remuneração paga a um aposentado*”. Nesta definição, verificamos que o aposentado é aquele que, ou não tem condições físicas, ou atingiu uma determinada idade para não mais trabalhar e recebe por isso, seja do Estado ou de Entidade Privada, um determinado pecúnia em forma de salário. Sem dúvida, a incapacidade física pode ser um motivo para não mais trabalhar. Mas, na maioria das vezes não é. Basta exercer uma função que não exija da limitação adquirida. Também se aposentar por conta de ter atingido determinada idade não precisa ser mandatório. E isso é que precisamos redefinir, pois trabalhar é razão de vida. Aposentar-se, então, pode ser uma forma de dizer não à plenitude de viver (a menos nos casos em que o trabalho exercido é enfadonho, estressante ou desmerecedor). Sem contar o aspecto do desequilíbrio dos sistemas de pensão no futuro, quando a população mundial for envelhecendo ou quando já não crescer indefinidamente, como vem acontecendo desde que o homo sapiens passou a habitar a Terra.

A aposentadoria irá perder o sentido em breve, seja pela razão econômica ou pela razão do sentido de vida de cada um. Assim, se aposentar, pode ser repensado como um ato de revitalização do trabalho. Alguém poderá se aposentar de determinadas atividades para abraçar outras, mais adequadas à sua idade e força física, ou mais afeitas com sua vocação e propósito. Mas, não

parar de trabalhar enquanto viver. O trabalho tem o aspecto da produtividade de um homem, do serviço que ele pode prestar ao outro e a todos, bem como tem o aspecto de trazer meios para a manutenção de sua vida. Parar de realizar uma atividade produtiva, em qualquer idade, pode trazer consequências como doenças psicossomáticas, envelhecimento precoce, baixa autoestima, perda de socialização e etc.

Visto sob este novo prisma, trabalhar durante toda uma vida, se aposentando de determinadas atividades e abraçando outras para os quais se deve preparar com antecedência, o homem só precisa da reserva para fins mais nobres, e não para parar de trabalhar. Retirar o sustento da vida do trabalho pode ser cada vez mais prazeroso e útil. O dinheiro do trabalho se torna mantenedor da saúde financeira, física, mental e emocional do homem.

Em terceiro lugar, desmistificar a ideia preconcebida da demonização do ganho. Para algumas pessoas ganhar parece pecaminoso, algo que te leva para o abismo. O problema não é ganhar, mas o uso que se faz com o ganho. Se for usado para acumular poder, glórias e bens materiais numa sequência sem fim, o ganho poderá não ter qualquer sentido mais profundo. Porém, se for utilizado sabiamente para o progresso pessoal de quem ganha, para acelerar o progresso de outras pessoas e ainda favorecer a evolução construtiva do planeta, esse ganho é bom. Portanto, ganhar pode ser parte de um projeto de vida construtivo.

Finalmente, precisamos repensar o sentido do que é prosperidade e entender qual é a relação dela com o dinheiro. É claro que ao falar de um homem próspero, imediatamente vem a nossa cabeça alguém que tem abundância de recursos materiais, inclusive o dinheiro. Mas, para alguns, prosperidade significa apenas a posse da moeda... Sem dúvida, uma distorção, mas imaginem que ao perguntarmos para algumas pessoas o que é um homem próspero, elas respondem com a descrição de alguém que possui tudo o que quer. Mesmo alguns dicionários como o Dicionário Online falam de prosperidade como fatura, excesso de bens materiais e riqueza. Será isso mesmo? Para muitas outras pessoas, está claro que não! Prosperidade deve ser entendida numa multiplicidade de fatores que podem ajudar ao homem a ter uma vida boa e produtiva. Assim, prosperidade inclui a dimensão monetária, mas inclui também as questões ligadas à vida emocional, mental e espiritual. Prosperidade

é trilhar um caminho de vida que equilibre e desenvolva essas virtudes potenciais que todo homem tem, em direção a algo que o torne feliz por estar realizando um projeto de vida ditoso, para si e para o todo.

Portanto, o dinheiro não traz prosperidade, mas pode ser um dos componentes para alguém poder se dedicar ao seu propósito. Não é incomum vermos mestres e gurus iluminados, que não precisaram se preocupar com a manutenção de suas vidas e de suas famílias por contarem com uma situação financeira confortável. Mesmo assim, abandonaram o conforto pela aspiração de algo superior. Buda, o Sidarta Gautama, foi um deles. A verdadeira prosperidade é se desenvolver e evoluir a consciência sobre si, sobre a humanidade, sobre o mundo e sobre o universo, bem como aumentar a compreensão de qual é o nosso papel nele. Se o dinheiro for utilizado nesse sentido, ele não é mecanismo de ganância, mas um vetor de prosperidade.

Conceito de Riqueza

Continuando nosso raciocínio na mesma linha, a riqueza passa a ser compreendida como a consequência na vida de um homem que se dedica à prosperidade. E, como discorrido no capítulo 2, a transdisciplinaridade nos mostra que o universo é complexo, ao invés de unilateral e simplista. Assim também ocorre com a riqueza. Se enfocarmos riqueza como acúmulo de bens monetários e materiais, a visão de riqueza se torna monocromática e parcial. É preciso compreender que a prosperidade deve trazer riqueza em diferentes aspectos importantes da vida de um homem, senão não é prosperidade.

Riqueza, em nossa acepção, é a conquista de diferentes bens e virtudes que tornam a vida de um homem produtiva, equilibrada e pujante. Portanto, há que se pensar em riqueza nos diferentes ângulos da vida: físico, intelectual, emocional e espiritual ou existencial.

Sob o ponto de vista físico, rico é o homem que tem saúde (goza de disposição e não sofre de doenças graves) e tem bens materiais necessários para enfrentar com certa comodidade as intempéries da vida, o abrigo e segurança, a mobilidade eficaz, e proteção das forças da natureza (frio, calor, tempestades, etc).

Sob o ponto de vista intelectual, rico é o homem que desenvolve constantemente suas faculdades

mentais, adquirindo conhecimentos e aplicando-os na prática para transformá-los em sabedoria. Este homem é capaz de expandir sua compreensão sobre as diferentes disciplinas da Ciência e da Filosofia e ainda integrá-las de forma a desenhar um conjunto visionário sobre o nosso universo, transdisciplinarmente.

Sob o ponto de vista emocional, rico é o homem capaz de vivenciar a plenitude do amor em suas diferentes formas, desde o amor de um pai por um filho, o amor de uma mulher e um homem, o amor pela humanidade e ainda pela vida em nosso planeta e pela vastidão do Cosmos. Esse homem é capaz de sentir as diferentes emoções e conviver com elas de forma produtiva, exercendo sobre elas um consciente domínio e sabendo que as emoções são fluxo que passam. Seus sentimentos são nobres e elevados, sabendo usufruir da beleza de tudo e de contemplar a natureza e as artes.

Sob o ponto de vista existencial, rico é o homem que procura exercer atos pautados por uma ética universal, que se expende além da comezinha noção de buscar benefícios para si ou para seu pequeno círculo de parentes e amigos. Esse homem procura valores cada mais elevados para guiar sua vida e, assim, a enriquece de virtudes que chegam muito mais longe do que ele mesmo pode imaginar e ganha faculdades de intuição, capazes de fazê-lo ver através do limitado espectro da luz visível. Esse homem se conduz mirando-se no exemplo de grandes Mestres que já passaram por nossa Terra e desenvolve uma noção de transcendência, para além dos limites do espaço e tempo de sua curta vida.

Enquanto focada na unilateralidade, a noção de prosperidade e riqueza traz como consequência apenas o material, parcial, limitado e pobre. Há um provérbio de autoria desconhecida dizendo: “Conheci um homem tão pobre, mas tão pobre, que a única coisa que tinha era muito dinheiro”. Assim parece ser a vida de quem enxerga de forma limitada a riqueza e a considera sinônimo de acumulação. Sua vida fica pobre, e ele desperdiça o valioso tempo que tem para viver.

Se, por outro lado, a compreensão de riqueza incluir a transdisciplinaridade, comentada acima, então não há apenas um eixo de desenvolvimento, mas vários em equilíbrio. Isso nos remete à antiga noção aristotélica de que a sabedoria está no meio termo, ou a assertiva de Buda de que virtuoso é o caminho do meio. Acima de tudo, é preciso disciplina para concretizar um “projeto sério de vida” em que diferentes aspectos a serem

trabalhados coexistem para levarem a uma meta profícua.

Assim, como colocado anteriormente, o dinheiro pode ser um vetor de prosperidade quando utilizado sabiamente para ajudar na disciplina de busca desses diferentes ângulos da vida, trazendo como consequência a verdadeira riqueza, composta não apenas por bens materiais que ajudam a viver de forma menos dura, mas principalmente, trazendo aqueles bens que não tem preço e são conquistados pela firme disposição da alma.

Nessa linha também escreve Jacob Needleman, em seu livro “O Dinheiro e o Significado da Vida”: *“Finalmente, achamos a chave para o lugar que o dinheiro pode – e deve – ocupar em nossas vidas. Ele deverá tornar-se um modo de nos conhecermos, uma ferramenta na única empresa digna de ser encetada por qualquer mulher ou homem moderno seriamente comprometido a encontrar o significado de sua vida. Devemos usar o dinheiro para estudar a nós mesmos como somos e como podemos vir a ser”*. Vemos que, para ele, a função digna do dinheiro é ser um meio para o autoconhecimento. O que propomos é que o dinheiro seja um pouco mais do que isso; seja um vetor para a riqueza do autodesenvolvimento, que inclui o autoconhecimento, mas acrescenta a ideia de desenvolvimento nesses diversos ângulos da vida de uma pessoa; e culmina na elevação de sua consciência!

Do Homem Mítico ao Homem Holístico

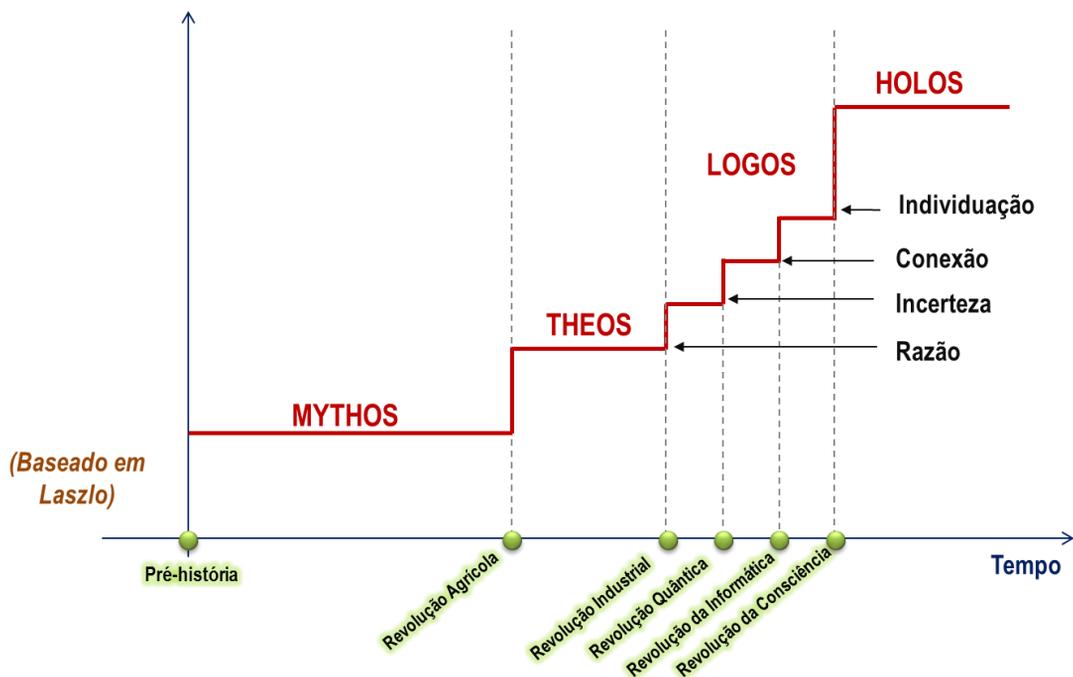
Começamos neste capítulo discorrendo sobre a evolução histórica da moeda, desde o seu aparecimento para facilitar as trocas, até sua sofisticação atual, nas modernas economias globais, e com a perda do lastro em ouro. Falamos sobre suas funções, sobre as diversas distorções que podem ocorrer, até chegarmos à forma de encarar o dinheiro para que ele seja utilizado para uma função nobre.

Se o dinheiro pode ser um vetor para a prosperidade, podendo trazer como consequência a verdadeira riqueza traduzida em certo conforto material, autodesenvolvimento e elevação de consciência, resta-nos discorrer sobre a questão da elevação da consciência, um dos pontos últimos desse “sério projeto de vida”, para os que assim compreendam ser esse um de nossos grandes objetivos.

Mas, o que significa elevar a consciência, ou ainda o que é consciência? Nesse ponto voltamos ao capítulo 1, sobre a evolução histórica da concepção de homem e ao papel reservado para sua ampliação de consciência. Como colocado, é uma reconciliação do homem com suas raízes metafísicas, um caminho filosófico para uma vida mais autêntica, inteligível, visceral. É nesse sentido que vemos o papel do dinheiro. Como uma base material para a concretização da riqueza humana do homem.

Laszlo também aponta nessa direção quando elabora uma escada evolutiva do homem, identificando quatro fases principais, sendo que a quarta ainda está por vir e refletirá essa união ou cooperação para a solução dos enormes e complexos problemas que demandarão mais do

que as capacidades e consciências individuais dos homens e a conjugação harmoniosa dos diferentes saberes acumulados até hoje. Essas quatro grandes fases são: *Mythos, Theos, Logos e Holos*. Adaptamos o esquema abaixo, do livro de Laszlo citado acima, e introduzimos alguns elementos que julgamos facilitar a compreensão de algumas etapas dentro das fases, segundo nossa própria visão. De alguma forma, revisa muitos dos conceitos já colocados nos nossos capítulos anteriores, mas acrescenta uma visão de futuro, algo que traz um pano de fundo poderoso para se compreender o papel que poderá estar reservado às empresas e organizações nos anos e séculos do porvir. Vejamos com detalhes o esquema e sua interpretação.



A primeira fase, Mythos, se inicia na pré-história e se prolonga até por volta de 10.000 A.C., quando ocorre a Revolução Agrícola. Esse é o período correspondente ao aparecimento dos primeiros hominídeos até o assentamento do homem nas primeiras áreas, o início de uma agricultura primitiva e o aparecimento dos ideogramas nas cavernas. Equivale à fase final do Paleolítico. Foi um período em que a relação do homem consigo mesmo, com os outros e com o Universo se dava na base dos mitos. Os instintos eram os guias mais confiáveis e a identificação de um poder transcendental se fazia através da mistificação das relações. Objetos, animais e fenômenos da natureza eram dotados de poderes mágicos. O homem ainda tinha uma noção primitiva sobre a sua própria vida.

A segunda fase, Theos, vai desde a Revolução Agrícola até a Revolução Industrial. É o período entre as duas maiores revoluções de costumes, valores e posicionamento do homem sobre A Terra. Nessa fase, o homem se relacionou com os mistérios da vida atribuindo a Deus o papel de executor dos milagres, de um Ser Supremo com os mesmos vícios e virtudes dos homens, um Pai Celestial que vigia seus filhos e assume posturas de preferências ou de antipatias, atribuindo-lhes recompensas e punições. Os mitos ficaram para trás, já que acima deles estava Deus. O conhecimento, para ser verdadeiro, precisava emanar Daquela que estava acima de todas as coisas. As religiões proliferaram, e atribuíram a si mesmas o papel de intermediárias entre Deus e os homens. Foi um período que culminou com a Idade Média e o Obscurantismo.

A terceira fase, Logos, é a mais recente e complexa. Não é caracterizada por uma grande mudança de valores, mas de ampliação de comodidades, de conforto e da compreensão dos fenômenos naturais, pelo menos para uma parte significativa da sociedade. Ela se inicia quando a Ciência começa a se manifestar como a grande transformadora da condição humana. Através dela, o homem supunha que iria superar todos os seus males. O livro "Nova Atlantis", do filósofo inglês Francis Bacon e escrito em 1659, retrata essa perspectiva de um mundo ideal, no qual o homem domina a natureza por meio da ciência. Trata-se de uma utopia em que a tecnologia era fonte do progresso da ciência e efeito do progresso científico. A obra narra o desembarque forçado de navegadores em uma ilha chamada Bensalém, cuja localização permanece secreta e que não figurava

nos atlas e mapas da época. A população local possuía uma cultura elevada e vivia sob um regime político perfeito e científico. Dirigida por sábios, a ilha tinha um grande centro de pesquisas, a Casa de Salomão, dedicado às investigações científicas e tecnológicas, pois o avanço dos conhecimentos científicos era a garantia da felicidade de seus habitantes. Nesse livro vê-se bem retratado o ideal de Logos, em que a Razão e a Ciência se descortinavam como as vias realizadoras da promessa de uma nova civilização, justa, feliz e próspera.

A fase de Logos, que ainda subsiste, centrou-se na evolução do bem-estar físico e material do homem, baseando-se para isso nos progressos trazidos pela evolução científica e tecnológica. Aumentou a idade média das populações, trouxe avanços inegáveis em saúde pública, ampliou o acesso a alimentos e à educação profissional e conseguiu ampliar a presença humana sobre a Terra de forma exponencial. Hoje, ultrapassamos a marca de sete bilhões de seres humanos. Por outro lado, pouco conseguiu em relação à verdadeira prosperidade e riqueza (da forma como a conceituamos acima) para essa enorme população mundial.

Esta fase se iniciou na Revolução Industrial, momento em que o domínio das técnicas permitiu a produção em massa, a mecanização da agricultura, o desenvolvimento de produtos químicos e agroquímicos para elevar a produtividade no campo. A máquina a vapor é o símbolo dessa Revolução, pois foi o domínio da energia térmica que propiciou o avanço das manufaturas e da produção em larga escala. No já mencionado filme "Tempos Modernos", Charles Chaplin caricaturiza esse momento, colocando o chefe de uma manufatura a empurrar uma alavanca, aumentando assim a velocidade da produção de vapor e, conseqüentemente, da linha de montagem. No filme, Chaplin explora a desumanização que a fábrica e a era da racionalidade extrema trouxeram para a humanidade.

Mas, logo em seguida à Revolução Industrial, ainda na fase de Logos, identificamos a Revolução Quântica, que começou no início do século XX. Os alicerces sólidos a que tinha sido trazida a Ciência, por figuras iminentes como Galileu, Newton, Descartes e outros, sofreu um abalo, como já descrevemos no capítulo 2. A Mecânica Quântica fez desabar crenças na independência do observador, na repetibilidade objetiva dos fenômenos, e etc. E permitiu nova rodada de evolução na tecnologia. Graças à Revolução

Quântica hoje temos circuitos integrados que abriram as portas às tecnologias modernas do computador, dos telefones celulares e outros. No campo da filosofia e na visão de mundo do homem, a Revolução Quântica também abalou certos pilares, fazendo com que nossa concepção do Universo, e do nosso lugar nele, pudesse mudar para um conceito novamente voltado para o limite entre o físico e o não físico, entre a densidade da matéria e a sua não existência objetiva (matéria como uma manifestação da energia, e esta como uma oscilação de campo). As consequências disso foram a retomada das indagações sobre a sede da consciência, se ela habita no corpo ou fora dele, se ela é independente do cérebro, se realmente somos constituídos de energias sutis que ainda não conseguimos compreender completamente. A Era da Incerteza, pode ser um bom slogan para o que se passou após a Revolução Quântica.

Finalmente, hoje em dia vivemos a Revolução da Informática, trazendo em seu bojo uma aceleração da conexão. A Ciência e a Razão, na fase de Logos, trouxeram a possibilidade de rumarmos em direção ao nosso essencial, à nossa riqueza e prosperidade verdadeiras. Possibilitaram uma conexão entre seres humanos, como nunca antes em toda a História. Podemos conversar por vídeo, praticamente sem custo, com qualquer pessoa em qualquer parte do mundo em tempo real. Temos acesso democrático a quase tudo o que já foi produzido de conhecimento. Também podemos ser informados de eventos significativos para nossas profissões, no exato momento em que eles ocorrem. E conseguimos criar redes de aprendizado conjunto, que interagem e intensificam seu processo de desenvolvimento pela ação conjunta de seus membros. Ainda estamos no começo dos desdobramentos dessa ampla capacidade de conexão que adquirimos.

Assim, chegamos ao ponto de começarmos a inferir o futuro. Como a Ciência e a Razão sozinhas não conseguiram trazer para os homens uma sustentável e palpável evolução de consciência (que para nosso propósito neste capítulo é a grande fonte de riqueza e prosperidade), e como nos últimos dois séculos, nós passamos por duas importantes revoluções que trouxeram a incerteza (através do conceito de probabilidades, desbastando a prepotente visão de que poderíamos saber tudo e dominar todas as coisas) e a conexão (diminuindo a distância e fragmentação entre os homens, raças, credos, ideologias e etc.) para nosso cardápio de conhecimentos, a nossa inferência se direciona para o lógico caminho da

sabedoria (como enfatizado no capítulo 2) e para a necessária evolução da consciência.

Não há como dizer se assim será nosso destino, mas tudo aponta que estaremos iniciando, neste novo milênio, uma Era de Holos, cujo primeiro passo aponta para a Revolução da Consciência e que foi precedido pelas quebras de paradigmas das revoluções anteriores na fase de Logos. Se isto de fato ocorrer, pela primeira vez na História do Homem, razão, intuição, instintos e emoções poderão confluír para realizar em massa o que Jung preconizou, em seu livro "O Homem e seus Símbolos", como nosso "lait-motiff" da existência: nossa individuação. Ou ainda sobre o que tratou Erich Fromm, em "Análise do Homem", a possibilidade latente em cada um de nós de nos tornarmos o que somos potencialmente. Um grande salto para a evolução da consciência. Neste ponto, as ideias de Chardin, Laszlo, Jung e Fromm se encontram para celebrar essa nova fase de rica prosperidade para o homem sobre a Terra.

O Papel das Empresas

Levando em conta todos estes conceitos de elevação de consciência, prosperidade e verdadeira riqueza, como podemos compreender o papel das empresas nesse contexto? Bem, a responsabilidade é clara e muito relevante. Afinal, as empresas são o tipo de organização humana estabelecidas com o objetivo de gerar riquezas através do atendimento a certas necessidades de grupos de clientes.

Se no nível pessoal é possível repensar paradigmas como reserva, acúmulo, ganância, riqueza, consciência e sabedoria, no nível empresarial o mesmo deverá ocorrer, pois ambos – pessoas e empresas – estão intimamente interligados. A empresa pode ser um dos veículos mais preponderantes para que os vícios em relação ao dinheiro apareçam de forma cruel e se cristalizem. Então, é no seio dela que é preciso grandes reformulações de postura para que a elevação de consciência possa seguir seu curso histórico. Ademais, já exploramos que não será nem com o capitalismo selvagem, nem com o socialismo que poderemos acelerar o ideal de "liberdade, igualdade e fraternidade", mas com uma empresa humana, integral e consciente. Dessa forma, ela pode ser também um dos veículos mais preponderantes para se criar uma base material sólida e liberar o homem para seu caminho evolutivo, para a reinterpretção de seu todo físico

e metafísico, para sua vida de maior potencial de realização. Nesse caso, o dinheiro é o veículo, é a forma concreta que possibilita a dedicação a um ideal mais elevado.

Em um paralelo quase perfeito podemos inferir uma nova postura das organizações frente ao dinheiro, à moda e semelhança com que fizemos em relação ao homem com o dinheiro, nos quatro principais itens que abordamos anteriormente: acúmulo x reserva, aposentadoria x vida produtiva contínua, demonização do ganho x modo de progresso, estagnação x prosperidade.

► **Acúmulo x Reserva:**

Embora as empresas invistam capital naturalmente, sob a forma de imobilizado, maquinaria, instalações, aplicações financeiras, contas a receber e etc. muitos estudiosos do ciclo empresarial ainda não compreenderam a distinção entre estoque e fluxo, em sua profundidade. Enquanto estoque de capital, per se, pode não ter utilidade e ser apenas uma ineficiência, o fluxo, por outro lado, é o que garante a utilidade do capital empregado. Sim, porque o capital imobilizado que não gera fluxo não é útil! De onde se depreende que investimento é útil por gerar fluxo e o acúmulo pode não representar nada se existir apenas como estoque. Uma reserva, por outro lado, é importante, pois tem a utilidade para ser utilizada em épocas de vacas magras...

► **Aposentadoria x Vida Produtiva Contínua:**

Aqui a comparação é óbvia, empresas não existem para se aposentar. Mas o paralelo pode ser estabelecido quando observamos que muitos

acionistas fundadores pensam que a empresa é uma extensão deles, que ela apenas existe para servi-los, um meio para suas vidas pessoais. Mas, uma empresa, uma vez estabelecida, ganha vida própria, passa a existir por conta de seus públicos e, por isso, é candidata a uma vida perene, contínua. A geração de riquezas, em fluxo, é o que garante a longevidade e utilidade contínua do negócio, para além da aposentadoria de seus fundadores.

► **Demonização do Ganho x Meio de Progresso:**

a ideia do ganho como meio de alavancar o progresso é poderosa. Não é uma verdade incontestada, pois há situações em que o ganho não tem relação com o progresso de uma empresa (entendido o progresso como um caminho de desenvolvimento equilibrado para os diversos públicos). A questão é não demonizar o ganho, como se fosse algo indecente ou algo injusto, mas permitir que ele trabalhe por esses públicos. Se cada público receber valores (monetários e não-monetários) da empresa, cada um deles terá razões para fazer o seu melhor para a sua continuidade e sucesso no longo prazo. No livro "O Despertar dos Líderes Integrais", pg. 33, há uma tabela com os valores que a empresa pode propor para cada público, com vistas a buscar esse meio de progresso. Ela se encontra reproduzida abaixo e é autoexplicativa em relação a esses valores que excedem o monetário, embora este seja a componente principal que permite a proposta de outros valores como a conectividade, a vocação e o bem comum.

	Monetário	Conectividade	Missão/Vocação	Bem Comum
Clientes	Custo/benefício Outros Atributos	Relações amplas Cooperação Mútua Cultura de Paz	Pesquisar o que é missão do Cliente; contribuir	Reciclagem de Rejeitos Produtos Corretos
Fornecedores	Remuneração justa pelos produtos e serviços	Relações amplas Cooperação Mútua Cultura de Paz	Pesquisar missão dos principais fornecedores; contribuir	Critério de escolha de Fornecedores Responsáveis
Acionistas	Lucros e Juros pelo Capital	Acionista alinhado com Conectividade	Acionista alinhado com Vocação Empresarial	Perenidade de seu Negócio
Colaboradores	Salários, benefícios e prêmios pelo Trabalho	Respeito Liderança Integral	Auto-Conhecimento Treinamento Oportunidades	Ambiente de Trabalho Trabalho Voluntário
Comunidade e Ambiente	Contribuições Monetárias	Pesquisa Transdisciplinar	Apoiar a vocação das comunidades vizinhas	Organizar ONGs Projetos Sociais Projetos Ambientais

► Estagnação x Prosperidade:

O contrário de paz não é guerra, mas estagnação, como nos diz Pierre Weil em seu livro "Rumo à nova Transdisciplinaridade". Água parada apodrece, mas água em movimento é sinônimo de vida. Aqui novamente entra o conceito de fluxo, na vida empresarial. Empresas prósperas estão em contínuo movimento. Pensam em fluxo e não em estoque. Empresas prósperas, ou empresas integrais, ou ainda empresas conscientes se diferenciam porque tem foco no longo prazo, realizam no curto prazo o que planejaram antecipadamente, são orientadas a criarem programas amplos de valores a seus públicos e se transformam, naturalmente, em vetores de elevação de consciência para nossa grande família humana!

Conclusão

Está em nossas mãos a utilização que podemos dar ao dinheiro. De um lado, os seus males que aprisionam o homem à ganância e ao atraso. Do outro lado, a possibilidade de continuar os avanços materiais, para possibilitar tempo livre ao homem para se dedicar à evolução de sua sabedoria e de sua consciência, em direção ao que definimos como a verdadeira riqueza e prosperidade. Numa comparação simples, dinheiro pode ser como água: se ingerida em excesso pode causar doenças e males. Se tomada na medida justa, com pureza e nobres ideais de alimentação, a água é essência de vida.

Uma fase de Holos nos aguarda se assim conseguirmos sobrepujar ainda os enormes problemas, guerras, desigualdades, intolerância e destruição de recursos de forma insustentável que estamos realizando no início deste novo milênio.

O caminho para superar esses enormes desafios não acreditamos estar na esfera política. Os políticos estão ocupados demais com seus próprios interesses para se dedicarem seriamente a isso. Também não está entre os religiosos; estes estão focados em provar que seu sistema de poder é superior e funciona melhor que todos os outros similares. Não está nos sistemas econômicos e de governo: o capitalismo tradicional com sua visão restrita de lucro, como vêm sendo utilizado até hoje, só fez ampliar as desigualdades; o socialismo provou ser uma forma de manipulação das massas, em benefício de uns poucos proletários poderosos e só diminuiu as liberdades. Em nossa visão a nova

fase de Holos está nas mãos da classe média trabalhadora, dos esclarecidos que começam a perceber as incongruências de suas vidas mecânicas e que querem buscar um novo significado para seu trabalho. E, ainda, o caminho está nas empresas, nas instituições que possam rapidamente se transformar, exercendo um novo tipo de capitalismo, mais consciente e voltado para a consecução de resultados não apenas financeiros, mas também de evolução pessoal e de individuação, para os que nele estejam inseridos.

Aqui, depois de nossa viagem pelo mundo do dinheiro, começamos a compreender que ele pode ser um vetor de prosperidade, se utilizado de forma ponderada, com temperança e quebrando algumas visões da relação do dinheiro com reserva, trabalho e aposentadoria. E se as instituições e empresas que nos propiciam o acesso a ele também realizarem sua travessia para esse novo oceano de prosperidade. Em todos os casos, a solução de nossas mazelas se encontra em cada um, em nós homens propriamente ditos, e nas revoluções silenciosas que devem se processar dentro de nós. Uma nova cultura empresarial precisa emergir para permitir essas revoluções individuais, e ainda corroborar e dar sentido ao caminho de Holos que temos pela frente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ▶ Bacon, Francis. Nova Atlântida. Lisboa: Ed. Minerva, 1976.
- ▶ Chaplin, C. “Tempos Modernos”: https://www.youtube.com/watch?V=iej1_5y7ft8
- ▶ Fromm, Erich. Análise do Homem. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1983.
- ▶ Gianetti, Eduardo. O Valor do Amanhã – Ensaio sobre a Natureza dos Juros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ▶ Jung, Carl. O Homem e seus Símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- ▶ Keynes, John Maynard. A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda. São Paulo: Atlas, 1982.
- ▶ Laszlo, Ervin. Um Salto Quântico no Cérebro Global. São Paulo: Cultrix, 2012.
- ▶ Marx, Karl. O Capital – Série “Os Economistas”. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- ▶ Needleman, Jacob. O Dinheiro e o Significado da Vida. São Paulo: Cultrix, 2007.
- ▶ Passarella, Wanderlei. O Despertar dos Líderes Integrais. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2013.
- ▶ Sandel, Michael. Justiça.
- ▶ Teilhard de Chardin, Pierre. O Fenômeno Humano. Porto: Livraria Tavares Martins, 1970.
- ▶ Weil, Pierre e outros. Rumo à nova Transdisciplinaridade – sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus, 1993.